

**CADERNO PEDAGÓGICO**

**ORALIDADES AFROPARANAENSES**

**CAPÍTULO 1**  
**REPRESENTAÇÕES SÍMBOLOS**  
**E SABERES AFROPARANAENSES**

## **UNIDADE 4**

**COMUNIDADES**  
**REMANESCENTES**  
**DE QUILOMBOS:**  
**DESENVOLVIMENTO**  
**SUSTENTABILIDADE**  
**E O FAZER PEDAGÓGICO**

*Clemilda Santiago Neto*

(...)

Os conhecedores do garimpo  
Fundaram cidades  
Do nosso imenso Brasil negro.  
Contestado. Contestando.  
Contextualizando uma história  
Apagada do imaginário.  
Palmas... Batam palmas  
Para os negros tropeiros andantes,  
Que saíam do Viamão  
para ir até Sorocaba.  
Caminhos ancestrais,  
Um verdadeiro corredor cultural.  
Afrodescendentes desbravadores...  
Plantaram as sementes  
de cidades que vingaram.  
Trilharam  
os milenares carreiros indígenas,  
Viram picadas virar estradas.  
Uma corrente ancestral...

(...)

**Trajetórias de muitas vidas:**

Fragmentos da presença negra em Palmas  
In.: REINEHR, Melissa; SILVA, Adegmar J.

**Oralidades Afroparanaenses:**

fragmentos da presença negra na História do Paraná.  
Editora Humaita, 2016.

# INTRODUÇÃO

Clemilda Santiago Neto

Este material tem como ponto principal promover um debate sobre a importância e o significado da existência dos quilombos, no Paraná e no Brasil. As alterações ao longo da História até os dias atuais demonstram que os mesmos apresentam características diversas no tempo e que o exemplo clássico de Palmares foi apenas um, entre outros modelos possíveis de organização quilombola. Ao mesmo tempo que busca o entendimento do seu significado atual, que se relaciona com questões de natureza diversa dos períodos relacionados à escravidão, visa provocar reflexões sobre as desigualdades sociais vivenciadas no presente e que se relacionam com o passado escravista com o qual a nossa sociedade conviveu ao longo de quase quatro séculos de exploração, resultando na marginalização de amplas camadas da população negra, descendente de africanos e afro-brasileiros.

No momento atual, é necessário entender o significado da **diáspora africana**: a imigração forçada de negros e negras sequestrados/as do continente africano para outros continentes. Esse processo foi marcado pelo tráfico de indivíduos e sua trajetória histórico-cultural através do Atlântico, processo que promoveu trocas, nesta diversidade social e cultural, tanto nos navios de tráfico humano quanto nesta nova realidade a que os sujeitos escravizados foram expostos.

O conceito diáspora passou a ser utilizado por religiosos, ativistas e intelectuais ligados às tradições africanas e à luta antirracista. Assim, também como os judeus, os descendentes de africanos espalharam-se pelo mundo. Contudo, a marcante diferença encontra-se no fato de que estes o fizeram, sobretudo, de modo compulsório e como resultado da escravidão. Uma vez instalados em quaisquer dos continentes, por mais que as tradições fossem represadas ou aniquiladas, os descendentes de africanos davam início a um processo de criação, invenção e re-criação da memória cultural dos laços mínimos de identidade, cooperação e solidariedade. Com esta rede de interação, as múltiplas culturas africanas, que se espalharam pelo mundo, preservaram visíveis traços das inúmeras comunidades étnicas a que pertenciam, sendo os mais marcantes aqueles manifestos por meio da força do ritmo musical, dos movimentos assimétricos na dança, na culinária e nas sabedorias de cura extraídas da fauna e da flora tropical (TAVARES apud MACHADO, 2017).

Aproximadamente doze milhões de africanos foram trazidos às Américas e, destes, 40% desembarcaram no Brasil, marcando a história da Nação brasileira. Explorados de forma sistemática, homens e mulheres, alicerçada na violência da imigração forçada, que sustenta o regime escravocrata já estabelecido, para o



monopólio de cultivos como os do açúcar, do algodão, da erva mate, pela coroa portuguesa. Os castigos físicos e o sofrimento fizeram parte da vida de homens e mulheres escravizados. Mas as lutas diárias, os novos elos afetivos, os vínculos familiares também.

O processo da diáspora consistiu em uma trama complexa que envolveu desde a captura de homens e mulheres em diversas sociedades africanas, a travessia do oceano atlântico nos navios de tráfico humano, a inserção – violenta e brutal – no novo contexto, até a construção de novas identidades. O Brasil foi a região americana com o maior número de escravizados e, por isso, até hoje traz as marcas das diversas culturas do continente africano.

Os africanos/as que aqui chegaram vieram de diversos locais do continente. A transformação desses homens e mulheres em escravizados começava já na África, nas feitorias, ou no porto logo ao chegar na nova terra. Nesse processo, foram modificadas as suas referências e sua cultura redefinida. Diversos povos como os benguelas, cabindas, angolas, minas, entre tantos outros embarcaram nos navios e aqui chegaram. As referências de nação foram assumidas e apropriadas pelos sujeitos escravizados, pois os auxiliavam no processo de reorientação. Por exemplo: nagô foi a terminologia escolhida pelos escravocratas para chamar os povos de língua Iorubá, mas no continente africano esses grupos identificavam-se de outra forma, geralmente a partir de suas cidades de origem.

Mesmo aceitando e utilizando a denominação nagô, mantiveram também seus nomes próprios, reconhecendo a necessidade de construção de novas formas de ser e agir no novo mundo, entre tensões, negociações e redefinições.

## COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBO CAMPINA DOS MORENOS

No poema **Campina dos Morenos**, de Mel e Candiero (REINEHR; SILVA 2016, pg. 55), lê-se:

Como explicar as mudanças de nome  
Deste pequeno quilombo?  
Campina dos Pretos  
Campina dos Morenos  
Campina das Ilhas  
Curitibinha...

O poema retrata um exemplo de tensão, redefinição e negociação contemporânea da Comunidade de Remanescentes de Quilombos, reconhecida pela população do município paranaense de Turvo como **Curitibinha**. Quando exerci a função de Coordenadora de Ação no Campo, do Grupo de Trabalho **Clóvis**

**Moura**, atuei no levantamento da situação em que se encontravam as famílias negras que habitavam em nosso estado, no campo, na cidade, na floresta ou nas águas. Para minha surpresa, quando cheguei nesta comunidade, as lideranças expressaram o desejo de serem reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares como “Campina dos Morenos”. Uma das lideranças mais velhas da comunidade, o senhor João Maria Rodrigues, pai da senhora Lindamar Rodrigues, presidente da Associação Quilombola disse o seguinte<sup>1</sup>;

Prefessora, o vigário que rezava as missa aqui na igreja do bairro, disse pránóis que Campina dos Moreno é muito feio, então mudô prá Curitiba, mas nós qué que no documento que vem lá de Brasília, como a senhora falô, seja Campina dos Moreno sim senhora, esse otro nome, esse não é o nosso não....

## A PRODUÇÃO COLONIAL

No período colonial foi necessário a fabricação de instrumentos e equipamentos para suprir as necessidades de trabalho. Como eram realizados os trabalhos, as técnicas utilizadas, as origens destas técnicas e quem os fazia não consta na história oficial, o que seria muito importante para que possamos compreender o nosso passado e trajetória histórica.

No Brasil tudo o que se refere a trabalho foi realizado pelos africanos e seus descendentes, desde 1531, com o início da colonização, até 1888 com a abolição do sistema escravocrata.

Os engenhos para produção de açúcar envolveram uma diversidade de especializações e de máquinas e produtos. Desde produtos cerâmicos, como tijolos e recipientes de barros para esfriamento do açúcar, até grandes estruturas de madeira como moendas e instrumentos de ferro. Foi também na indústria de ferro, em todas as áreas da agricultura, que as técnicas africanas foram realizadas.

As imagens a seguir foram feitas, pela professora Célia Regina Tokarski, na Comunidade de Remanescentes de Quilombos de João Surá, localizado na região paranaense conhecida como Vale do Ribeira, mais precisamente no município de Adrianópolis, no evento realizado pelo Grupo de Trabalho - GT Clóvis Moura em fevereiro de 2006, reunindo mil lideranças quilombolas Paranaenses e Paulistas.

1 Em entrevista concedida à autora durante o levantamento básico das comunidades remanescentes quilombolas, realizado pelo estdo do Paraná, entre 2005 e 2010, no Grupo de Trabalho - GT Clóvis Moura.

**Figura 01.** Prensa para fabricação da farinha de mandioca.

**Figura 02.** Moenda da cana de açúcar - forma para o fabrico da rapadura.

**Figura 03.** Esteira em taboa - Balaios em taquara.

**Figura 04.** Fogões em argila - toda a alimentação do evento foi preparada nestes fogões.

**Fonte:** Célia Regina Tokarski



## DIAMANTES NA BACIA DO RIO TIBAGI – SÉCULO XVIII

No município de Tibagi, a Comunidade Tradicional Negra Tibagiana conserva ainda hoje os sobrenomes como Taques, Bittencourt, Barbosa, Ribeiro, Machado, Novaes, Mercer e Santos, entre outros. O município tem aproximadamente 70% de sua população formada por afrodescendentes que tiveram e têm importante participação política e cultural na formação histórica da cidade, segundo o Sr Neri Aparecido Assunção, que nos relata<sup>2</sup>:

O Senhor José Félix veio aqui para Tibagi, o dono da Fazenda Fortaleza, no século 18. Trouxe com ele, mais ou menos, de 100 a 150 negros e negras com suas crianças, todos escravos [escravizados], para trabalhar na lavoura.

O escritor Eschwege (1833), menciona em seus livros o rio Tibagi como o mais rico da região e cita a fundamental contribuição dos negros para a mineração no Brasil no início do século XVIII. Quanto à mão de obra empregada na mineração, a maior parte foi composta por africanos, segundo os autores já citados, e apenas 3% dos mineradores eram homens e mulheres livres. De fato, os africanos, símbolo de status social para os escravocratas, estavam presentes em qualquer atividade econômica desenvolvida nos períodos colonial e imperial, desde aquelas tarefas que exigiam força física e as que continham exclusivamente os conhecimentos e saberes trazidos da África. Ao que parece, muitas técnicas, senão a maior parte delas, usadas e indispensáveis nas várias etapas do processo mineratório – extração, remoção e beneficiamento – foram trazidas pelos africanos, como bateia, canoas e carumbé. Cumpre lembrar que o processo de fundição do minério aurífero e de ferro, com utilização de fornalhas e foles, já era conhecido e usual no continente africano, como na África Central,

2 Em entrevista concedida à autora durante o levantamento básico das comunidades remanescentes quilombolas, realizado pelo estdo do Paraná, entre 2005 e 2010, no Grupo de Trabalho - GT Clóvis Moura.

hoje Zimbábwe, antes de 1500. Nas palavras de Davidson Basil (1981), este fato “revela a capacidade inventiva dos Africanos, pois o princípio básico destas fornalhas não diferia da dos fornos modernos”.

O ciclo do ouro é compreendido como o período em que vigorou a extração e exportação do ouro como principal atividade econômica na fase colonial. Com o ouro, a prata e os diamantes, vieram as cidades e os centros urbanos. Todos estes progressos econômicos têm como ponto de partida as aplicações técnicas e desenvolvimentos de engenharia produzidos por africanos e descendentes de africanos.

As Comunidades de Remanescentes de Quilombos no Vale do Ribeira, com exceção de Porto Velho, Praia do Peixe (Adrianópolis), Varzeão (Dr Ulisses), Areia Branca (Bocaiúva do Sul), possuem na sua trajetória histórica a fuga das Minas auríferas de Apiaí (São Paulo).

No Brasil Colônia, a fabricação de embarcações de madeira exigia um conjunto de aplicações técnicas em madeira e velas, o que nos remete aos grandes rios africanos onde embarcações de modelos semelhantes se desenvolveram durante séculos.

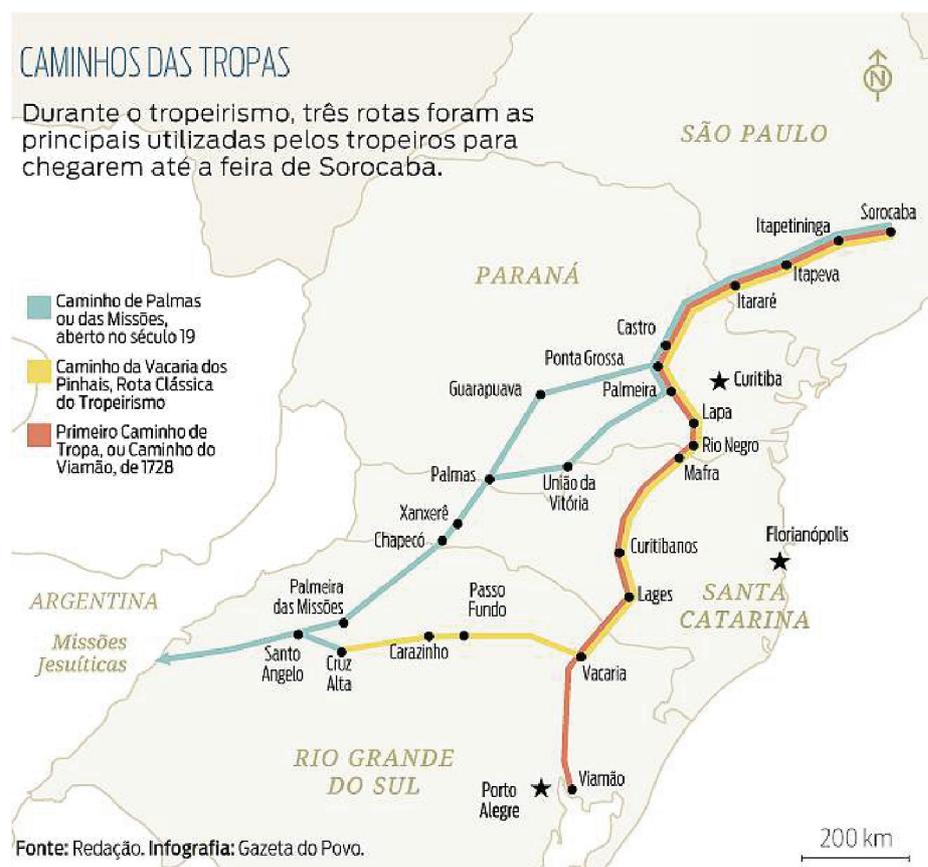


Figura 05 – Caminho das tropas – Trabalho desenvolvido também pelas comunidades quilombolas. Disponível em: <https://viajaracavalo.com.br/a-rota-comercial-tropeirismo/> Acesso em: 09 nov. 2018.

## TROPEIRISMO

O tio **Mirinho** da Comunidade Remanescente Quilombola Castorina Maria da Conceição, do município de Palmas, nos relatou<sup>3</sup> que os quilombolas do município, pertencentes as CRQs de Castorina, Adelaide e Tobias Ferreira, trabalharam como tropeiros no transporte tanto de cargas de mulas como de cargas em carros e carroças e produziram equipamentos, peças e rodas, o que envolvia conhecimento específico.

## AGRICULTURA

Com relação a esta questão é importante considerar a forma de uso da terra, pois, nestas comunidades pratica-se uma agricultura baseada em formas tradicionais de manejo na qual o uso de agroquímicos e máquinas agrícolas é reduzido ou inexistente. Ocorre um rodízio no uso das terras para os roçados que, após 2 a 4 anos de uso são deixados em descanso para serem utilizados apenas vários anos depois quando a mata recobre o lugar, formando as capoeiras.

O sistema desenvolvido pelas populações tradicionais tem demonstrado uso mais rentável da floresta em curto e médio prazo, mantendo a biodiversidade e os processos naturais de forma eficaz (DIEGUES & ARRUDA, 2001).

Este uso, conforme atestam vários estudos acadêmicos, possuem características mais ecológicas, pois permitem o descanso do solo, não poluem os mananciais com agrotóxicos, etc. Por conta desta forma de trabalho, é importante notar que isto requer que cada família utilize extensões de terras mais amplas do que aquelas que mantêm suas roças, posto que a posse tradicional da terra é consideravelmente maior do que aquelas que usam em determinado momento, segundo estudos, de quatro a cinco vezes mais dependendo da qualidade do solo, regime de chuvas, etc.

As Comunidades de Remanescentes de Quilombos paranaenses em geral plantam; arroz, feijão, milho, mandioca, batatinha, batata doce, verduras como couve, alface, repolho verde e roxo, chicória, almeirão, legumes, cenoura, tomate beterraba, pepino e abobrinha, também a cana de açúcar e frutas como banana, laranja, mexerica, pêssego, etc. Utilizam temperos como a pimenta vermelha, cebolinha verde, salsinha, cebola de cabeça, alho, limão, manjerona, coentro, louro, etc. Criam animais, como porco, galinha, pato, algumas cabeças de gado, cavalos, algumas das comunidades criam peixes. O trabalho da roça é feito, nestas comunidades, tanto pelos homens como pelas mulheres.

3 Em entrevista concedida à autora durante o levantamento básico das comunidades remanescentes quilombolas, realizado pelo estdo do Paraná, entre 2005 e 2010, no Grupo de Trabalho - GT Clóvis Moura.



## MATERIAL DE APOIO

No portal da Secretaria de Estado da Educação você encontra álbuns de fotos<sup>4</sup> de algumas Comunidades de Remanescentes de Quilombos (CRQ) do Paraná. Acessando os links dos álbuns é possível verificar a riqueza de recursos naturais onde se localizam as CRQs paranaenses e que os mesmos são utilizados de maneira sustentável. A partir das imagens, os estudantes poderão compreender algumas características ambientais e da vida cotidiana nas Comunidades de Remanescentes de Quilombos do Paraná.

O Instituto de Terras e Cartografia do Paraná (ITCG), elaborou mapas<sup>5</sup> de todos os municípios onde se localizam estas comunidades. Na elaboração do Plano de Trabalho Docente, os mapas podem ser utilizados como atividades pedagógicas provocando interesse e reflexão sobre a temática quilombola. Em nosso estado, 38 Comunidades de Remanescentes de Quilombos são certificadas pela Fundação Cultural Palmares e estão distribuídas em 20 dos municípios paranaenses.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Respeitar, resgatar e preservar os saberes das comunidades tradicionais negras e quilombolas é uma tarefa para toda a sociedade e também para a ciência, pelas próximas gerações. Eles contribuem para que possamos entender as relações entre o ser humano e o ambiente à sua volta, a cultura envolvida nesse processo e as tecnologias desenvolvidas, além dos recursos utilizados para as mais diversas finalidades, desde a alimentação, passando pela vestimenta, até o uso das ervas, raízes, legumes e verduras no tratamento de doenças.

É na escola que este processo de respeito, resgate e preservação de saberes podem começar a ocorrer, valorizando e incentivando o aprender com as gerações anteriores, na oralidade dos conhecimentos passados dos avós e avôs para os netos e netas, dos pais e mães para os filhos e filhas.

Reverencio aqui as matriarcas, detentoras e guardiãs deste conhecimento ancestral, algumas já de saudosa memória:

**Dona Joana** – João Surá, (Adrianópolis),

**Dita Freitas** – benzedeira e rezadeira – João Surá (Adrianópolis),

**Dona Djair** – Água Morna (Curiúva),

**Dona Maria Arlete** - Adelaide Maria Trindade Batista (Palmas),

**Dona Lucília** – Córrego do Franco (Adrianópolis),

**Dona Sebastiana** – Córrego das Moças (Adrianópolis).

4 Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1503>

5 Disponível em: [http://www.itcg.pr.gov.br/arquivos/File/Quilombolas\\_2010/Comunidades\\_quilombolas.pdf](http://www.itcg.pr.gov.br/arquivos/File/Quilombolas_2010/Comunidades_quilombolas.pdf)

# REFERÊNCIAS

BORGES, K. N.; BRITTO, M. B.; BAUTISTA, H. P. **Políticas públicas e proteção dos saberes das comunidades tradicionais.** Revista de Desenvolvimento Econômico, Salvador, ano X, nº 18, p.87-92, dez. 2008. Disponível no link: <https://revistas.unifacs.br/index.php/rde/article/view/1041/819>.

DAVIDSON, Basil. **A descoberta do passado da África.** Lisboa: Codex, 1981.

DIEGUES, A.C; ARRUDA, R.S.V. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001.

ESCHWEGE, W.L. Von. **Pluto Brasiliensis.** Tradução de Domício de Figueiredo Murta. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

MACHADO, Larissa da Silva. **A Diáspora Negra e a presença de africanos escravizados em Itapemirim – ES (1860-1870).** Mosaico, v. 8, n. 13, 2017. Disponível em: [bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/download/69652/70316](http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/download/69652/70316).

NASCIMENTO, G. C. C. **Mestre dos mares: o saber do território, o território do saber na pesca artesanal.** In: CANANÉA, F. A. Sentidos de leitura: sociedade e educação. João Pessoa: Imprell, 2013, p. 57-68.

## SUGESTÕES DE LEITURA

AZEVEDO, Célia Maria Marino. **Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites, Século XIX.** São Paulo: Editora Annablume. (2a. edição). 2004. Disponível em: <http://rapefilosofia.blogspot.com/2015/07/livro-em-pdf-onda-negra-medo-branco-o.html>.

BERNAL, Martin. **Black Athena.** The Afroasiatic Roots of classical civilization. London: Free Association Books. Vol 1. The fabrication of Ancient Greece. 1987.

BRITTO, Maura Silveira Gonçalves de. **Com luz de ferreiro: Práticas do ofício nas Minas do ferro escravistas, século XIX.** Mariana: Mestrado em Historia. Universidade de Ouro Preto. 2011. Disponível em: <http://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/2424>.

CAMPOS, Guadalupe. **Estudos arqueometalúrgicos de artefatos metálicos recuperados nos sítios históricos do Rio de Janeiro.** Tese de doutoramento. PUC- RJ. 2005.

CUNHA JUNIOR, Henrique. NTU. Maringá: Revista Espaço Acadêmico. Numero 108. Maio, 2010.

\_\_\_\_\_ **Tecnologias africanas na formação histórica do Brasil.** Rio de Janeiro. 2010.

\_\_\_\_\_ **O Etíope: Uma escrita africana.** Revista Educação Gráfica. 2007. Vol. 11, pp. 1-10.

\_\_\_\_\_ **Nós, afro-descendentes:** história africana e afrodescendente na cultura brasileira. *In:* Historia da educação do negro e outras histórias. Brasília: SECAD- MEC, p. 249-274. 2005. Disponível em: [www.propostacurricular.sed.sc.gov.br/pdfs/Vo](http://www.propostacurricular.sed.sc.gov.br/pdfs/Vo)

DANIELI NETO, Mario. **Escravidão e indústria:** um estudo sobre a Fábrica de Ferro São João de Ipanema (Sorocaba, São Paulo, 1765-1895). Tese (Doutorado em Economia) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2006.

DIOP, Cheikh Anta. **Nations nègres et culture.** Paris: Presence Africaine .1955.

GAMA, Rui. **Engenho e tecnologia.** Editora Duas Cidades, 1983.

H Aidara, Ismaël Diadé. **Les Juifs à Tombouctou.** Recueil de sources écrites relatives au commerce juif à Tombouctou au XIXe siècle, Editions Donniya, 1999.

OLIVER, Roland / FANGAN, Brian. **Africa in the Iron Age.** Cambridge Press. 1975.

PRADO JUNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

REINEHR, Melissa; SILVA, Adegmar J. **Oralidades Afroparanaenses:** fragmentos da presença negra na história do Paraná. Curitiba: Editora Humaita, 2016.

SILVA, Juliana Ribeiro da. **Homens de Ferro.** Os ferreiros na África Central no Século XIX. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-03092009-145620/>.

VARGAS, Milton. **História da ciência e da tecnologia no Brasil:** São Paulo: Humanitas, FFCLH/USP, 2001.